

Vittalle

REVISTA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE

Reitor
JOÃO CARLOS BRAHM COUSIN

Vice-Reitor
ERNESTO LUIZ CASARES PINTO

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários e Estudantis
DARLENE TORRADA PEREIRA

Pró-Reitor Administrativo
JOSÉ VANDERLEI SILVA BORBA

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento
JOSÉ CARLOS RESMINI FIGURELLI

Pró-Reitor de Graduação
CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
LUIZ EDUARDO MAIA NERY

EDITORA DA FURG

Coordenador
JOÃO RAIMUNDO BALANSIN

Divisão de Editoração
LUIZ FERNANDO SILVA

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN

Vice-Presidente
WALTER AUGUSTO-RUIZ

Titulares
DAOIZ MENDOZA AMARAL
JOÃO RAIMUNDO BALANSIN
IVALINA PORTO
LUIZ HENRIQUE TORRES
JOÃO MORENO POMAR
JOSÉ HENRIQUE MUELBERT

Correspondências deverão ser enviadas para:
Editora da FURG
editfurg@mikrus.com.br
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/
Luiz Lorea, 261
CEP 96201-900 – Rio Grande – RS – Brasil

Vittalle
REVISTA DE CIÊNCIAS
MÉDICAS E BIOLÓGICAS

COMITÉ EDITORIAL

Prof. Dr. CLAUDIO MOSS DA SILVA
Departamento de Medicina Interna

Prof. Dr. DAOIZ MENDOZA AMARAL
Presidente

Prof. Dr. DIONÍSIO LOCH
Departamento de Ciências Morfo-biológicas

Prof.ª Dr.ª ELI SINNOTT SILVA
Departamento de Ciências Fisiológicas

Prof. Dr. FLAVIO HANCIAU
Departamento de Cirurgia

Prof. Dr. JORGE ALBERTO CASTRO
Representante da Comissão de Revisores

Prof. Dr. NILDO ELI MARQUES D'AVILA
Departamento Materno-Infantil

Prof. Dr. OBIRAJARA RODRIGUES
Departamento de Patologia

Prof.ª Dr.ª VERA LÚCIA DE OLIVEIRA GOMES
Departamento de Enfermagem

Solicitamos intercâmbio

Endereço para correspondência:
Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Núcleo de Informação e Documentação
Campus Carreiros
Caixa Postal 474
CEP 96201-900 – RIO GRANDE – RS

Integrante do PIDL

Editora Associada à
ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

EDUNI-SUL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
UNIVERSITARIAS DA REGIÃO SUL

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Vittalle

REVISTA DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS



ISSN 1413-3563

Vittalle	Rio Grande	v. 17	n. 1	p. 1 – 84	2005
----------	------------	-------	------	-----------	------

Direitos reservados desta edição: Editora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande

2005

Formatação e diagramação:
João Balansin
Gilmar Torchelsen
Revisão: Fabiane Resende

VITTALLE: Revista de Ciências Médicas e Biológicas:
Editora da Fundação Universidade Federal do Rio
Grande – vol. 17, n. 1, – Rio Grande, RS: Editora da
FURG, 1985 – .

Semestral

ISSN 1413-3563

1. MEDICINA 2. BIOLOGIA – Periódico I. Fundação
Universidade Federal do Rio Grande.

CDU 61: 57

Catálogo na fonte: Prof.^a Enriqueta Graciela D. de Cuartas – CRB 10.519

A VISÃO “COMPLEXA” DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

FERNANDO AMARANTE SILVA*

Para abordar o dependente de drogas psicoativas é preciso admitir que o fenômeno do uso é um problema relacionado não somente com a natureza da substância ou com uma conduta individual, mas também, como uma questão social e, ainda mais, que tem lugar em um momento e em um contexto histórico determinado. Em ciências sociais, desde o aparecimento da teoria dos sistemas, é sabido que as condutas dos indivíduos, suas crenças e as inter-relações entre eles não se sucedem isoladamente (CARRÓN, 1992). Os efeitos sociais se constituem a partir de uma série de elementos interconectados e as modificações em alguns deles ou na relação que mantém repercute de uma forma ou de outra em todo o restante.

Desta forma, falar sobre drogas, propor programas de prevenção, de tratamento ou, simplesmente, aplicá-los sem considerar o consumo delas um fenômeno complexo e multidimensional é completamente incorreto. É preciso considerar que em todo momento está se produzindo uma interação entre quatro subsistemas que poderiam ser organizados em torno dos seguintes núcleos:

- a) as substâncias como elemento material (**drogas**);
- b) os processos individuais do sujeito que toma posição diante da droga (**indivíduo**);
- c) a organização social e política e a estrutura que a suporta como marco em que se produzem essas relações (**sociedade**);
- d) os fatos históricos como testemunhas de momentos vividos na evolução dos seres humanos e responsáveis pelas transformações das novas gerações (**momento histórico**).

Os parâmetros que definem estes elementos ou subsistemas são diferentes para cada situação, motivo pelo qual é necessário conhecer quais são esses parâmetros em cada caso especial. Somente assim poderemos compreender as relações essenciais do uso de drogas e somente sendo conscientes dessas relações poderemos planejar as correspondentes estratégias preventivas e de tratamento. É importante

* Professor Titular de Farmacologia da FURG, Coordenador do CENPRE.

lembrar que o peso específico dos quatro subsistemas não será idêntico em cada momento, nem mesmo a influência de cada um deles em relação aos demais. Essa interação é seguida pelo fator tempo dando lugar, a cada momento, a distintos resultados.

Cada um dos componentes e sua funcionalidade muda em distintos momentos históricos e também é diferente a relação que se estabelece entre eles. Assim, se torna imprescindível especificar sempre, não somente de que aspecto do uso de drogas que estamos falando e em relação a que outros, assim como a que momento está se referindo a nossa análise. Desta forma, durante muito tempo, na maioria das sociedades o uso de drogas serviu para assinalar funções explícitas, consensuais e conhecidas pela comunidade. Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença de drogas desde os primórdios da humanidade, inseridas nos mais diversos contextos: social, econômico, medicinal, religioso, climatológico e mesmo militar. O consumo de drogas é, portanto, um fenômeno especificamente humano e cultural. Não há sociedade que não tenha as suas drogas, recorrendo a seu uso para finalidades diferentes, em conformidade com o campo de atividades no qual se insere.

Partimos do princípio de que esse fenômeno é “complexo”; de que no mundo biológico, a complexidade aparece em sua plenitude no ser humano, com seus múltiplos sistemas e aparelhos interagindo para manter a homeostase e de que no mundo social a complexidade torna-se cada vez mais importante pelos avanços tecnológicos que permitem comunicações cada vez mais rápidas entre pessoas, povos e nações.

Portanto, desses conceitos de complexidade depreende-se que a prevenção do uso de drogas psicoativas e o tratamento de suas conseqüências devem seguir um padrão de: disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Procuramos as definições que nos pareceram mais simples, aquelas de que necessitamos aqui:

1 – Disciplina – constitui um corpo específico de conhecimento ensinável, com seus próprios antecedentes de educação, treinamento, procedimentos, métodos e áreas de conteúdo.

2 – Multidisciplinaridade – ocorre, segundo Piaget, quando “a solução de um problema torna necessário obter informação de duas ou mais ciências ou setores do conhecimento sem que as disciplinas envolvidas no processo sejam elas mesmas modificadas ou enriquecidas”.

3 – Interdisciplinaridade – ainda segundo Piaget, o termo interdisciplinaridade deve ser reservado para designar “o nível em que a interação entre várias disciplinas ou setores heterogêneos de uma

mesma ciência conduz a interações reais, a uma certa reciprocidade no intercâmbio levando a um enriquecimento mútuo”.

4 – Transdisciplinaridade – continuando com Piaget, o conceito envolve “não só as interações ou reciprocidade entre projetos especializados de pesquisa, mas a colocação dessas relações dentro de um sistema total, sem quaisquer limites rígidos entre as disciplinas”.

Desta forma, a prevenção ao uso indevido de drogas psicoativas não deve ser praticada por pessoas sem o devido preparo. Uma intervenção mal feita em um problema dessa complexidade poderá trazer mais danos à comunidade do que benefícios. A invasão de salas de aula, de empresas e até mesmo de famílias para intervenções breves, realizadas por dependentes em recuperação, tem demonstrado que desperta mais curiosidade e estímulo ao uso de drogas psicotrópicas do que auxilia na redução do consumo.

A prevenção é um processo que deverá ser desenvolvido por especialistas no assunto seguidores de princípios científicos que permitam ser avaliados e reproduzidos por outros. Para nós do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE), da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a prevenção deve seguir dez princípios básicos, isto é, ser:

1 – **reflexiva** o suficiente para que as pessoas atingidas revisem seus paradigmas com relação ao assunto;

2 – **contínua** para sua consolidação;

3 – **pacienciosa** para não se perder a calma com aqueles que não aceitam mudanças e nem as querem discutir;

4 – **consistente** o suficiente para demonstrar o embasamento científico de seus princípios;

5 – **provocante** no sentido de despertar respostas criativas entre os participantes;

6 – **inovadora** para despertar muita curiosidade nas pessoas;

7 – **agradável** ou **prazerosa** para ser capaz de estimular o Circuito Central de Recompensa do Sistema Nervoso Central das pessoas;

8 – **multidisciplinar**, para envolver o maior número possível de áreas do conhecimento;

9 – também deve buscar a **inter** e a **transdisciplinaridade**, através da integração interdisciplinar visando à construção de um sistema que rompa, verdadeiramente, as fronteiras entre as áreas do conhecimento e,

10 – por fim, deve ser **específica e envolvente** para uma determinada população, para atender suas necessidades, despertar o espírito de grupo e a solidariedade humana (PULCHEIRO, 2002).

É tão complexo prevenir como tratar a dependência química, pois sendo complexa, multifatorial, multidimensional, as intervenções isoladas realizadas por um único profissional ou grupos de profissionais que atuam de forma independente em um mesmo paciente pouco ou até mesmo nenhum resultado positivo pode ser esperado.

O tratamento proposto pelo CENPRE é identificado como trabalho de equipe multidisciplinar que busca a transdisciplinaridade. Ele facilita o desenvolvimento da auto-estima, da autoconfiança e da auto-ajuda, sem perder de vista o ser humano, em seus aspectos bio-psicossociais e espirituais. Ele tem como linhas norteadoras as teorias: cognitivo-comportamental; de grupos operativos e sistêmica e o suporte de psicofarmacoterapia.

A **teoria cognitivo-comportamental** preconiza três objetivos principais: uma reeducação das concepções errôneas do paciente, um treinamento de habilidades comportamentais e uma modificação no estilo de viver, e tem como regra básica a abstinência da substância de dependência.

A **teoria de grupos operativos** é um espaço terapêutico reflexivo, que possibilita a aprendizagem através dos vínculos na construção do processo terapêutico; ressignificando os padrões de comportamentos estereotipados do dependente químico no âmbito sócio-familiar e cultural.

A **teoria sistêmica** oferece suporte no tratamento da família em um espaço terapêutico que possibilite a compreensão e o diálogo, como potencializadores dos recursos intrafamiliares.

A **psicofarmacoterapia** visa, de forma sucinta, ao tratamento dos sintomas que envolvem a síndrome de abstinência, bem como o tratamento da compulsão ao uso de drogas e das comorbidades psiquiátricas, quando estas existirem.

O que estamos mostrando é a complexidade do assunto drogas psicoativas e que o paradigma flexneriano, que guiou a educação médica no presente século, já não atende às necessidades da sociedade contemporânea. Já não falamos de ensino médico isoladamente e sim em ensino das profissões da saúde e áreas sociais. Já não falamos em abordagem preventiva e abordagem curativa e sim em atendimento integral. Já não falamos em atenção primária de saúde isoladamente e sim em sistemas hierarquizados e regionalizados de saúde. As divisões ou mudanças de terminologia que fomos progressivamente fazendo nos levam agora a alguns questionamentos, se tivermos os olhos postos no setor saúde em sua relação com os outros setores. Será que necessitamos de tantas divisões nas áreas da saúde e sociais (preventiva, comunitária, social) e na saúde (individual,

pública, coletiva)? Será que em vez de falarmos na *nova saúde pública*, num novo paradigma para o ensino, num outro para o sistema de atenção à saúde, não devemos falar de um só paradigma aglutinador que nos permita unir forças dispersas, juntar, religar partes que nunca deveriam ter sido separadas, porém mantendo sua identidade própria? Minha resposta pessoal está implícita nas perguntas formuladas. Não sabemos se para nós é necessário ou fundamental uma denominação para o nosso paradigma, já que o essencial é começar a construí-lo. Sabemos qual é seu oposto: é o paradigma da simplificação (da disjunção e redução), é o paradigma newtonianocartesiano, que na educação na área da saúde e social tomou o nome de paradigma flexneriano.

Chaves (1998) sugere

que adotemos, provisoriamente, a denominação de *paradigma da complexidade*. É o *paradigma emergente*, que só tomará sua forma final no próximo século.

Morin (1990) afirma com razão que no fundo ele deverá ser o

produto de todo um desenvolvimento cultural, histórico e civilizacional. O *paradigma da complexidade* virá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas, de novas reflexões, que vão pôr-se de acordo e reunir-se.

SUMÁRIO

AVILA, Flávia Nogueira de; MILBRATH, Viviane Marten; DIAS, Maria Beatriz de Oliveira. Como o cliente identifica o enfermeiro	15
MARTINS, Sibebe da Rocha; SENA, Janaína; RUBIRA, Lilian Teles; DALPRÁ, Liane Rossales; CEZAR-VAZ, Marta Regina. Visualizando a Saúde Coletiva no Trabalho Educativo para a Formação Acadêmica em Enfermagem	29
MENDOZA-SASSI, Raúl A.; BACKES, Dirce; MARCHAND, Edison; SPARVOLI, Juceli; MOURA, Rosylaine; MARTIM, Sibebe; TUERLINCK, Patrícia; BRANCO, Zelionara. Eficácia do uso de açúcar e de mel na cicatrização de feridas cutâneas: uma revisão sistemática	41
GUTERRES, Iuri Jivago Leite. Novas perspectivas no tratamento da Anemia Falciforme com a Hidroxiuréia	51
MENDOZA, Daoiz; RUIZ, Walter; ALMEIDA DE SOUZA, Leonor; SOUSA, Guaraciaba Duarte de; SOUSA, Marcelo Dorneles de. Aterosclerose experimental efeito de ingestão da gema de ovo de galinha no desenvolvimento de lesões ateroscleróticas em coelhos.	59
RIVOIRE, Henri Chaplin; FAGUNDES, Djalma José; BIGOLIN, Sérgio. Cisto de ovário gigante em paciente virgem	69
RIVOIRE, Henri Chaplin; FAGUNDES, Djalma José; BIGOLIN, Sérgio. Corpo estranho intravaginal em octogenária	75
Normas Editoriais e Orientação aos autores	81

1.^a Seção

**Trabalhos Científicos
e Pesquisas Inéditas**

